

EVOLUÇÃO NO COMBATE AOS CUPINS TERRÍCOLAS EM NINHOS EXPOSTOS

Sebastião Bastos Nogueira ¹

Os cupins, na grande maioria das espécies, fazem seus ninhos no solo. Em algumas espécies, os ninhos são inteiramente confinados, no interior dos solos, passando despercebidos completamente todo o tempo, exceto nas ocasiões das enxameações, quando então são abertos "olheiros", que darão passagens às formas aladas. Em outras espécies, seus ninhos são expostos parcialmente ou bem distintos.

No controle dessas últimas espécies, houve progresso nos últimos 40 anos. Assim, os nossos agricultores que sempre fracassaram no controle desses insetos, em virtude de dificuldades como o transporte de água (que sempre foi o solvente na maioria dos métodos indicados), preço dos inseticidas, perigos de exposição do produto e de "queimadas" etc., podem, hoje, utilizar um método extremamente prático e que citaremos mais adiante.

Revendo a literatura, verificamos que um dos primeiros métodos empregados era o uso do fogo, preconizado por FONSECA (1944, 1945), que, além de vagaroso, é extremamente perigoso, nas épocas secas do ano, pelas possibilidades de "queimadas". A indicação de sulfureto de carbono e outros fumigantes, insuflados através de foles

¹ Universidade de Viçosa, MG.

e tendo como ingrediente a mistura de arsênico e enxofre, era feita por MONTE (1930/31, 1941) e também por FONSECA (1944, 1945); entretanto, NOGUEIRA e outros (1971) não indicam o uso do fumigante Fosfina, pois, aplicando-se este produto, não obtiveram bons resultados contra o "cupim de montículo". O verde-Paris era indicado por MONTE (1930/31, 1941) e CUNHA (1936), e sua aplicação era feita do seguinte modo: tirava-se um tampão na parte superior do ninho, com enxádeo, até expor as galerias, onde era derramada uma suspensão de verde-Paris, na proporção de 50 gramas (uma colher de sopa, rasa) em cada litro de água por cupinzeiro. VANETTI (1960) e AMANTE (1963) trabalharam com pós secos, pós molháveis, granulados e emulsões, encontrando os melhores resultados para as formas líquidas do que para os pós secos. As formas emulsificáveis comportaram-se melhor que os pós molháveis.

No meio rural, observa-se que o nosso agricultor pouco controla os cupins de ninhos expostos, principalmente, porque os métodos mais eficientes usados, até então, exigiam como solvente a água, o que torna o seu controle extremamente trabalhoso, pois apresenta grandes dificuldades para o agricultor no transporte da água até o local de combate. O uso deste líquido torna-se quase impossível, em áreas extensas de pastagens contínuas, pois NOGUEIRA (trabalho não publicado) notou a presença de uma média de 162,3 cupinzeiros, do cupim de montículo, em áreas de grande concentração de colônias, por hectare. Portanto, para controlar estes insetos, em áreas de pastagens de muitos alqueires, há necessidade de alguns milhares de litros de água. Visando, principalmente a eliminação de água, NOGUEIRA e outros (1971) testaram quatro iscas granuladas formicidas, à base de heptacloro, nonacloro, aldrim e de dodecacloro, no combate ao cupim de montículo, e encontraram ótimos resultados para a de dodecacloro, vendida com o nome de Mirex e outras marcas comerciais. O trabalho com esta isca formicida foi plenamente confirmado, para este cupim, por MARICONI e outros (1977) no estado de São Paulo.

O uso de iscas granuladas, no controle deste tipo de cupim, é sem dúvida, o método mais racional, facilitando em tudo a sua aplicação, pois torna-se bastante simples, independentemente de aparelhos aplicadores, uso de água etc.

Material necessário: uma alavanca de ferro, com mais ou menos 1,5 m de comprimento e de uma polegada de diâmetro; um enxadão; uma medida de 15 gramas e o formicida granulado à base de dodecacloro (figura 1).

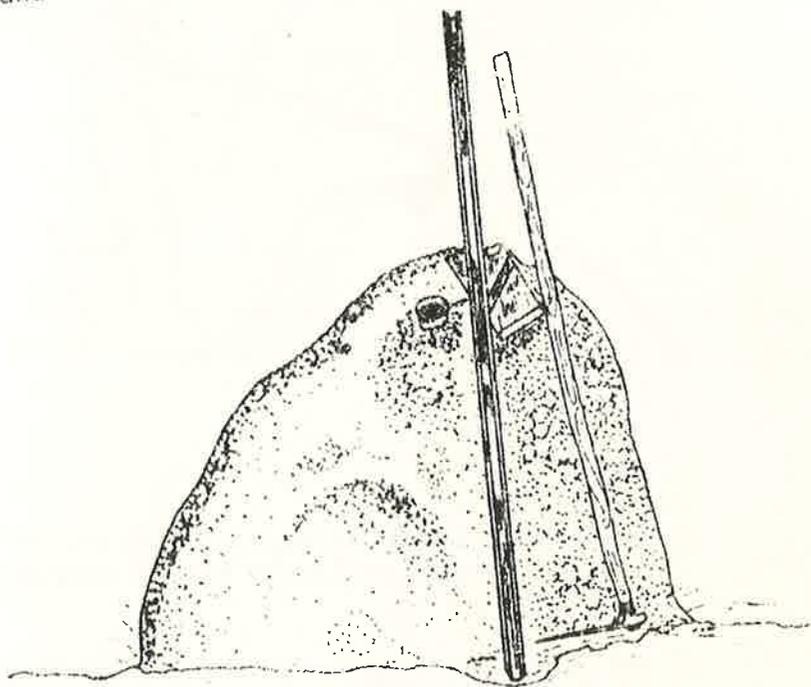


FIG. 1

Aplicação:

- a) Pega-se o enxadão e faz-se um pequeno corte no topo do montículo (figura 2).
- b) Em seguida, com a alavanca vai-se perfurando o montículo, com batidas no corte feito no topo do mesmo, até atingir a câmara de celulose (fig.3).



FIG. 2

- c) Quando a alavanca atinge a câmara de celulose, a parte dura do montículo estará totalmente perfurada (figura 4).
- d) Retira-se a alavanca, mede-se 15 gramas do formicida granulado, quantidade suficiente para matar o cupinzeiro, e joga-se esse formicida no orifício, perfurado com a alavanca (figura 5).

Observações:

- 1) Não há necessidade de se tampar o orifício, porque os próprios cupins se encarregarão disso.
- 2) A aplicação deve ser feita em épocas chuvosas,



FIG. 3



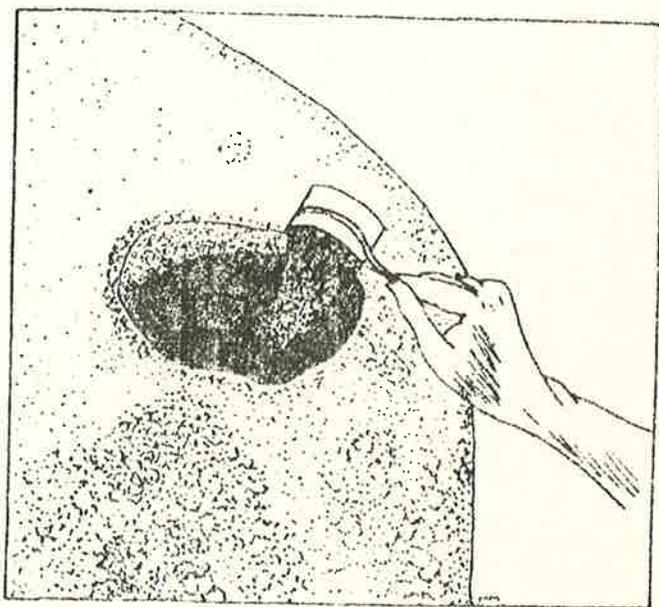


FIG. 5

pois é necessário que se desenvolvam fungos (bolor) sobre as iscas, visto que somente após o surgimento dos fungos é que os cupins irão comer as iscas granuladas.

- 3) Os montículos devem ser destruídos, no mínimo, após 2 (dois) meses da aplicação das iscas, tempo suficiente para morrerem todos os cupins da colônia.

LITERATURA CITADA

- AMANTE, E., 1963. Ensaio de campo para controlar o cupim de montículo, *Cornitermes cumulans* (Kollar, 1832) (Isoptera, Termitidae). *Divulgação Agrônômica* 9: 30-33.

- CUNHA, O.R., 1936. A luta contra o cupim. **O campo** (2) : 26-28.
- FONSECA, J.P. da, 1944. Medidas contra cupins que constroem ninhos expostos. **O Biol.** 10(7): 221.
- FONSECA, J.P. da, 1945. Destruição de ninhos de cupins. **O Biol.** 11(6): 173.
- MARICONI, F.A.M., J.F. FRANCO, V. de PALMA, A. DIONÍSIO, & J.C. TARDIVO, 1977. Combate aos cupins de *Cornitermes cumulans* (Kollar, 1832) com granulados, 7p. (Mimeografado).
- MONTE, O., 1930-31. O cupim-vida, costumes e combate. **Almanaque Agrícola Brasileiro**, São Paulo, Ed. Chãcaras e Quintais, 320p.
- MONTE, O., 1941. Cupins dos campos. **O Biol.** 7(7): 200 - 201.
- NOGUEIRA, S.B., J.O.G. de LIMA, J.A.H. FREIRE & A.R. CONDE, 1971. Ação da fosfina no combate ao cupim de montículo *Cornitermes cumulans* (Kollar). **Seiva** 31(73): 159-162.
- NOGUEIRA, S.B., J.O.C. de, LIMA; J.A.H., FREIRE & A.R. CONDÉ. Iscas granuladas no combate ao cupim de montículo - *Cornitermes cumulans* (Kollar, 1832). **Seiva** 31(75): 303-308.
- VANETTI, F., 1956. Combate ao cupim de montículo, *Cornitermes cumulans* (Kollar). **Divulgação Agronômica** 2: 2-8.